

FRANCISCO DE OLIVEIRA  
Coordenação

# O Espírito Olímpico no novo milénio



Coimbra • Imprensa da Universidade

## A HEROIZAÇÃO DO VENCEDOR NA POESIA GREGA

José Ribeiro Ferreira  
Universidade de Coimbra

Era o espírito agónico uma característica dos Gregos desde os mais remotos tempos: está presente já nos Poemas Homéricos. Também a preparação física era componente essencial da mundividência helénica. A paixão atlética emerge, assim, no quotidiano de um povo que desenvolveu o seu espírito de competição e o exerceu nos mais diversos domínios.

Imbuídos de espírito agónico, amantes do exercício físico e desejosos de se superiorizarem aos demais, os Gregos gostavam de participar em competições e jogos desportivos que reunissem a fina-flor dos atletas.

Logo nos alvares da literatura grega encontramos expressa essa tendência. Não temos a certeza, mas é possível que a prática e o costume dos concursos desportivos venham desde os tempos micénicos ou mesmo minóicos<sup>0</sup>). O canto 23 da *Ilíada* descreve os jogos fúnebres em honra de Pátroclo, em que as provas desportivas têm papel dominante (v.266-897), e a *Odisseia*, no canto 8, descreve os jogos dos Feaces em honra de Ulisses (v. 104-130). O Hino

45

0) Possíveis argumentos, um rhyton de esteatite negra do Museu de Heraclion proveniente de Hagia Triada com representações de cenas de luta e de pugilato e datado pelos arqueólogos de c. 1600/1500. Vide Sp. Marinatos-M. Hirmer, *Crete and Mycenae* (London, 1960), ests. 106 e 107, coment, nas p. 147-148; G. A. Christopoulos-John C. Bastias (edd.), *Prehistory and Protohistory* (London, 1974), p.206-208 e imagem de duas crianças de Tera a jogar pugilato, na página 225.

Homérico a Apoio relata-nos as competições dos Ionios em Delos (146-150):

*Nas é em Delos, ó Febo, que mais deleitas o teu espírito.  
É aí que se reúnem os Iónios de túnicas a arrastar,  
com seus filhos e suas castas esposas.  
Pensando em ti é que se deleitam no pugilato, na dança  
e no canto, quando organizam competições.<sup>(2)</sup>*

O gosto pela competição leva os Helenos a encontrarem-se nas mesmas competições, procurando mostrar a sua excelência em confronto com os outros. Surgem, por isso, com o tempo, quatro grandes festivais desportivos que adquirem projecção pan-helénica: os Jogos Olímpicos, os Jogos Píticos, os Jogos Nemeus e os Jogos Ístmicos.

Não são bem conhecidos os motivos que conduziram estes quatro festivais à fama que vieram a ter a partir do séc. VI a. C. Talvez o facto de serem competições integradas em festivais religiosos tenha exercido grande influência na sua difusão<sup>(3)</sup>.

Os Helenos participavam nos grandes jogos pan-helénicos pelo prazer de competir, para se superiorizarem aos demais concorrentes. Não os atraía o prémio recebido, que não tinha valor material: constituído por coroas de ramos e folhagem da árvore simbólica dos deuses em honra dos quais se celebravam os Jogos, tinha apenas um valor simbólico.

É certo que não devemos exaltar excessivamente o desinteresse e o amadorismo dos atletas gregos<sup>(4)</sup>; apesar de tudo seduzia-os sobretudo a glória e o reconhecimento social e público que obtinham, não tanto a recompensa material. Os atletas vitoriosos eram recebidos com festejos \*<sup>1</sup>

<sup>(2)</sup> Tradução de . H. Rocha Pereira, *Hélade* (Coimbra, 71998), p. 100.

<sup>(3)</sup> Para mais pormenores sobre o assunto vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos*.

I — *Génese e Evolução de um Conceito* (Coimbra, 21993), p. 145-146.

<sup>(4)</sup> Se o prémio recebido no local dos jogos era insignificante e apenas simbólico, os que triunfavam recebiam na sua cidade natal honras de heróis, a cada passo recompensas monetárias e refeições e expensas da pólis (cf. Plutarco, Sólon 23. 3); eram-lhes erguidas por vezes mesmo estátuas. Além disso, se os quatro jogos pan-helénicos não tinham prémios materiais, realizavam-se na Hélade muitos outros, espalhados por toda ela, nos quais o prémio era material ou monetário. Naturalmente que um vencedor nos quatro grandes jogos teria uma cotação mais elevada e receberia prémios consideráveis nesses outras competições. Vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos*, p. 151 - 152.

nas suas cidades e cumulos de honras; entoavam-se cantos no último dia em Olímpia, o da proclamação dos vencedores, e por ocasião da entrada na sua cidade.

A admiração excessiva de que eram alvo provocou recriminações de alguns intelectuais e até de chefes militares da Grécia antiga. Veja-se um passo (fr. 2 Diels, v. 1-12) de Xenófanés, um presocrático do século VI a. C., que protesta pelo facto de o vencedor dos jogos ser «mais ilustre à vista dos seus concidadãos», ter «alimentação a expensas públicas da sua cidade, ou uma dádiva, que será para ele um tesouro», «sem ser tão digno como eu. Pois melhor do que a força de homens e corcéis é a nossa sabedoria».<sup>(5)</sup>

De nada valeu o protesto do filósofo Xenófanés; e sem grande eco ficaram também os de outros. Os vencedores eram unanimemente aplaudidos e ovacionados, sem distinção de origem: atenienses ou espartanos, coríntios ou tebanos, das cidades da Magna Grécia ou da Ásia Menor, das ilhas do mar Egeu ou das do mar Jónico.

Em honra dos vencedores nos Jogos escreveram os poetas cantos de vitória, os epinícios. E mais de meia centena de vencedores asseguraram a sua imortalidade por terem sido alvo de poemas desse género. Estou a referir-me, é evidente, aos epinícios de Simónides, de que apenas nos chegaram alguns fragmentos; aos de Baquírides, que a arqueologia tem vindo a recuperar e a completar; e aos de Píndaro em especial, de que possuímos 45. Podemos perguntar-nos como puderam esses poetas, em especial Píndaro, a partir de uma vitória desportiva, que é passageira, deixar-nos uma obra que se manteve ao longo dos tempos e continua perene?

Os concorrentes aos grandes Jogos pan-helénicos eram, na sua maioria, atletas não profissionais e provinham, pelo menos até aos inícios do séc. V a. C., das famílias aristocráticas — quer se tratasse de indivíduos particulares quer de governantes, como os tiranos da Sicília, Hierão de Siracusa e Terão de Agrigento —, para quem as provas atléticas constituíam um meio de manifestar o seu valor e destreza. Consideravam que era privilégio seu participar nessas provas, e desse modo procuravam espalhar a sua fama e exaltar os seus valores e ideais

(5) Tradução de . H. Rocha Pereira, *Hélade*, p. I 19-120.

políticos e sociais. Classe que vinha perdendo muitos dos seus privilégios e caminhava para o fim em várias póleis, os nobres alimentavam a esperança de verem esses ideais glorificados por um poeta.

Ora o próprio mito reconhece o papel da poesia na transmissão dos feitos dos homens e no assegurar da sua lembrança. É o que faz Hesíodo, ao referir no início da Teogonia que as Musas são filhas de Zeus e de Mnemósine, a Memória (v.54 sqq. e 915 sqq.). Não menos significativo é um passo da Olímpico de Píndaro.

No dia do seu casamento com Hera, após a vitória sobre os Titãs, durante a festa realizada no Olimpo, Zeus observa que os outros deuses permaneciam silenciosos e não estavam de todo felizes. Ao interrogá-los sobre a razão de tal tristeza, obteve dos outros deuses o pedido de criação de novas divindades que tivessem a única tarefa de cantar os feitos de Zeus e da ordem que estabeleceu no mundo. Concordou o Crónida com a proposta e gerou as Musas, cuja mãe é Mnemósina, a Memória. Desse modo, como sublinha Kakridis, para não cair no esquecimento, o louvor de Zeus necessita de se tornar palavra na boca das Musas<sup>(6)</sup>.

E as odes que até nós chegaram — estou a pensar no caso específico de Píndaro — compõem-se de elogio ao vencedor e seus antepassados; de máximas ou sentenças; de reflexões pessoais acerca da sua arte e do seu ofício de poeta; e sobretudo de uma narrativa mítica que vem da tradição épica e lírica e se encontra ligada aos deuses e aos santuários em que decorreram os jogos, à cidade do atleta ou às condições da sua vida, ou aos antepassados míticos do vencedor, divinos e humanos.

Desse modo, como nota Kakridis, o atleta é, no suceder temporal, o último elo da cadeia familiar de deuses e heróis e coloca-se sob a protecção das divindades que o fizeram “belo e bom” (

48

).

Como se conclui, na estruturação dos epinícios, Píndaro deixa em segundo plano as referências à vitória e ao vencedor, para pôr em evidência um mito, máximas e a sua arte poética. Em contrapartida, os

(6) G. A. Christopoulos-John C. Bastias (ed <math>\pm</math>), *The Olympie Games in Ancient Greece* (Athens, 1982), p. 143.

pormenores sobre o decurso das provas e sobre os atletas rivais são quase inexistentes. O presente liga-se a um passado heroico e a competição física aparece como mera ocasião para o competidor manifestar a sua *physis*, as qualidades naturais, quer físicas quer mentais, qualidades que ele recebe como herança dos antepassados e que lhe advêm dos deuses.

A concepção de que a herança recebida dos antepassados determina no homem definitivamente a sua natureza e personalidade traduz uma das mais antigas e duradouras noções da cultura grega e constitui ao mesmo tempo a expressão e o fruto de uma mentalidade e ideologia aristocráticas<sup>(7)</sup>. Muitos são os exemplos que poderia apontar. Escolho apenas três que me parecem mais significativos, propositadamente todos eles retirados de Píndaro.

Para Píndaro, a natureza determina a excelência; e assim encontramos nele uma tomada de posição que nega a possibilidade de a *aretê* ser ensinada. Em sua opinião, essa *aretê* é inata e reside no sangue que se recebe dos antepassados. A educação só é possível, quando a *aretê* já exista no educando. Assim, na *Olimpica* 2, exalta os dons naturais ( *φύσιν* ) — neste caso os do poeta —, que propiciam a verdadeira arte, a qual nunca pode ser fruto da aprendizagem, em oposição ao saber aprendido que apenas permite aos seus detentores grasnar como corvos (v.86-88). Na *Olimpica* 9. 100-102, considera superior tudo o que vem da natureza ( *φύσιν* ), apesar de haver quem procure arrebatar a glória por meio de qualidades aprendidas ( *μαθήματα* ). A *Nemeia* 3, proclama que a glória inata torna grande o seu possuidor, enquanto a obscuridade, a inconstância e a insegurança são apanágio de quem apenas sabe o que aprendeu. Transcrevemos os versos que são muito elucidativos (v.40-42):

49

ἄλλοι δὲ μάθημα  
 κερδαίνειν θέουσι,  
 ἄλλοι δὲ φύσιν  
 κερδαίνειν θέουσι.  
 ἄλλοι δὲ μάθημα  
 κερδαίνειν θέουσι,  
 ἄλλοι δὲ φύσιν  
 κερδαίνειν θέουσι.

(7) A. Lesky, *Die griechische Tragödie* (Stuttgart, 1964), p. 163.

Pela glória inata um homem torna-se grande.  
 Quem sabe apenas o que aprendeu é um homem obscuro,  
 atirado pelo vento de um lado para o outro, com pés nunca seguros  
 caminha, e de mil maneiras seu espírito imaturo taceia a glória!<sup>8)</sup>.

Os epinícios transportam-nos para dentro da atmosfera da celebração da vitória e fazem-nos ver que o vencedor, nas competições pan-helénicas, manifesta o seu carácter moral através dos feitos atléticos, traz honra e glória à família e à pólis, glorifica os deuses que o ajudaram na vitória.

Nos Poemas Homéricos, e no pensamento comum dos Gregos, depois da morte, não há felicidade nem recompensa no Além. Estamos perante o Hades bolorento, onde a vida não é feliz, como o reconhece Aquiles, quando no Canto II da Odisseia, Ulisses aí o encontra como rei dos mortos e o felicita por isso. A resposta da psyché do Pelida é bem significativa do desencanto e da não felicidade que esse Além oferece (v.488-491):

μ μ , μ'  
 μ ' ? μ '  
 ' és μ μ ? μμ

Não me elogies a morte, ilustre Ulisses.  
 Eu preferia trabalhar a terra como teta de alguém,  
 de um homem pobre que não tivesse grandes recursos,  
 a reinar sobre quantos mortos pereceram.

Aquiles prefere ser o mais ínfimo na terra a ser rei dos mortos. A precária sobrevivência no Hades, sem consideração pela existência levada em vida, nem pelo valor, deixa ao herói homérico apenas o reconhecimento da sociedade, a memória que dele ficou e perma- \* 10

(8) Cf. ainda O1. li. 19-20, 13. 13; Pyth. 8. 44-45; Nem. I. 26 sqq., 6. 8-1 I, 7. 54-55, 10. 50-51; Isthm. 3. 13-14. É certo, como observa Guthrie, HGPH, p.252, que Píndaro admite um certo aperfeiçoamento pelo treino (cf. O1. 10. 20-21), mas só para aquele que nasceu nobre na aretê ( ' ápeich, v. 20) e tenha a ajuda da divindade (v. 21); é um «aprender o que já se sabe» (O1. 8. 59-60). Sobre o conceito de aretê em Píndaro vide W. Jaeger, *Paideia I* (Berlin, 1954), p.277-289. Para a sua concepção de physis vide A. Lesky, *Geschichte der griechischen Literatur* (Bern, 1971), p.235.

nece. Entende-se por isso que Aquiles tenha preferido uma vida curta mas gloriosa a uma vida longa, apagada e desconhecida<sup>9</sup>. Ora os participantes nos grandes Jogos pan-helénicos são em grande parte os continuadores do ideal heroico homérico. A vitória nesses jogos era para eles um meio de ficar na lembrança dos vindouros e de ultrapassar o esquecimento. E nessa missão de preservar na memória dos homens é atribuído à poesia um papel de relevante importância.

Refere Pindaro na Pítico 8 que o homem é um ser efémero, a «sombra de um sonho» ( òvap, v. 96):

..... ' ? ,  
 μ μ .

Mas, quando sobrevier um raio de luz divina,  
 um brilhante clarão e doce vida  
 sobrevirá aos homens<sup>(10)</sup>.

Se, como é o caso de vitória nos jogos pan-helénicos, alguém praticar um feito glorioso, se «sobrevier um raio de luz divina», o homem ultrapassará a fimbria do esquecimento e a sua memória perdurará. E tem papel importante, para não dizer primordial, o poeta na tarefa de exaltar os feitos valorosos que arrancam os homens à efemeridade e esquecimento. Proclama-o Pindaro nestes versos da Olímpica 9. 21-29 que são uma exaltação da poesia e não deixarão de trazer à memória as primeiras estâncias dos Lusíadas:

òé  
 μ ? ?,  
 ?  
 v<òs  
 μ ,  
 ei μ μ μ  
 μ μ \*  
 μ '  
 '.....

(<sup>9</sup>) Essa sua escolha é feita no Canto décimo oitavo da Iliada (v. 121-126). Tétis, a sua mãe, reconhece que essa escolha não é de homem covarde (v. 128-129). Cf. ainda Il. 9. 410-416.  
 (<sup>10</sup>) Pyth. 8. 96-97. Tradução de H. Rocha Pereira, Hélade (Coimbra, 1998), p. 184.



Eu abrasarei com meus cantos fogosos  
 essa cidade bem armada,  
 e, mais rápido que o cavalo magnífico  
 e que o alado navio, espalharei este louvor  
 por toda a parte,  
 se, com mão assinalada pela sorte, eu sei cultivar  
 o jardim privilegiado das Graças. São elas  
 que concedem todo o deleite. Os homens, esses valem  
 conforme os deuses concedem  
 pela coragem ou pela arte.<sup>(M)</sup>.....

Um dos aspectos significativos dos epinícios de Píndaro reside, pois, na frequente valorização da sua arte poética. Não são menos elucidativos os passos em que manifesta a consciência do papel dessa poesia na exaltação da glória e renome do vencedor e sua família e na preservação da sua memória nas gerações posteriores. É que (Nem 7. 12-17):

..... μ  
 μ μ \*

.....as grandes acções  
 padecem de muita obscuridade, se carecem de hinos;  
 e para os belos feitos só conhecemos um espelho:  
 por vontade de Mnemósine de fulgente diadema,  
 encontrarmos a recompensa dos feitos nos ilustres cantos dos versos.

E nessa missão a poesia supera a escultura, relembra-o Píndaro na Quinta Nemeia. No começo da composição o poeta defende a sua arte como mais apropriada a dar renome e a preservar a memória do vencedor (v. I -5):

52

μ' ' -  
 μ ' \* a <3 μ  
 ' ,  
 év ' , ,  
 μ .

(M) Tradução de . H. Rocha Pereira, Hêlade (Coimbra, 71998), p. 175.

Não sou escultor para lavrar inertes  
     estátuas sobre o próprio pedestal  
 erigidas, mas em qualquer  
     cargueiro e falua, meu doce canto  
 parte de Egina e anuncia que  
 o filho de Lâmpon, Píteas cheio de vigor,  
 ganhou nos Jogos Nemeus a coroa do pancrácio.

Segundo a tradição Píteas, vencedor da prova do pancrácio em Nemeia, teria encomendado a Pindaro um epinício. Perante o pedido de três mil dracmas por parte do poeta, o solicitante, esmorecido, declarara que, por tal preço, preferia mandar esculpir uma estátua em bronze. Mais tarde porém muda de opinião e encomenda a feitura da ode. Então Pindaro entendeu pôr em evidência a importância da sua arte, sublinhando que a escultura ficava imóvel e que só quem, junto dela passava e lia a inscrição, tomava conhecimento do nome e feito do atleta. A ode, pelo contrário, desde o momento da celebração e festejos da vitória, passaria a ser cantada por toda a Grécia. Tanto mais, como lembra mais adiante, que o seu vigor poético é comparável ao voo altaneiro de uma águia (v. 18-22).

Não menos explícito e significativo é o passo da Istmica 4 em que Pindaro — depois de referir o suicídio de Ajax, por se sentir desconsiderado pelos Aqueus que atribuíram a Ulisses as armas de Aquiles — lembra a exaltação e glória que lhe advieram da poesia de Homero (v.36-42):

' ' μ ? μ ' ,  
 .  
 \* -  
 μ .

Mas Homero honrou-o entre os homens,  
 ao enaltecer, apoiado ao bastão, toda a sua valentia  
 em versos divinos para divertimento dos vindouros.  
 Porque uma coisa imortal prossegue ressoando  
 quando alguém a diz de forma bela. E por terra  
     de abundantes frutos e por mar caminha  
 o raio das belas obras para sempre inextinguível.

Também Píndaro pretende, com o auxílio das Musas, exaltar os feitos do vencedor dos Jogos, no caso da Quarta Nemeia, Melisso de Tebas. Pois pensa o poeta que, como recompensa de gloriosas obras, «é conveniente cantar o homem nobre, é conveniente exaltá-lo em danças pelas amáveis graças» (Isth. 3. 7-8:  $\mu \mu$  , /  $\mu$  ? ).

Assim é fundamental a missão do poeta no processo de heroização do vencedor. A ode encomendada era cantada no santuário em que os Jogos se realizaram, num santuário da cidade do vencedor ou na própria casa, com acompanhamento de flauta e de lira. Desse modo o poema espalhava-se. É natural que a família procurasse conservá-lo como testemunho da sua própria glória. Poderia depois cantar esse epinício em anos subsequentes, como o refere a Olímpica 7, escrita em 464 a. C. e dedicada a Diágoras, um famoso pugilista de Lálisos, em Rodes. Assim se procurava preservar a memória. Muitos outros exemplos poderia apontar, mas o tempo esvaiu-se, pelo que vou citar apenas o verso 16-20 da Istmica 7, dedicada a Estrepsíades de Tebas. Trata-se de um passo significativo em que Píndaro expressa com clareza que o esquecimento será o destino das acções heroicas que não são cantadas pela poesia. Depois de lembrar as glórias e heróis de Tebas — uma cidade nessa altura, em 454 a. C., submetida a Atenas, como consequência da Batalha de Enófita —, o poeta acrescenta (v. 16-19):

eúoēi ,  $\mu \mu$  ? è ,  
 õ  $\mu$  ?  
 ?

Mas do passado  
 dorme a glória; e esquecem os mortais  
 tudo o que não foi capaz de a suprema flor da sabedoria  
 atingir, jungido às ilustres correntes dos versos.

54

Por essa razão, anuncia Píndaro de imediato que vai celebrar com um hino de doce melodia Estrepsíades (v.20-21) que «se inflama graças às Musas de tranças cor de violeta» (v. 23:  $\hat{\alpha}\nu\epsilon\lambda$  ?).

